
EDITORIAL

O volume 24, número 2 (jul/dez de 2021) é uma edição especial. Comemoramos os cinquenta anos da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em outubro de 2021, e a Revista *Serviço Social em Revista* não poderia deixar de destacar esse momento, pois faz parte dessa história.

Referência no ensino, pesquisa e extensão para o país, a UEL vem buscando, na sua trajetória, consolidar uma educação pública de qualidade, apesar da precarização que vem sofrendo nos últimos anos, resultado dos descasos de governos estadual e federal com a política de educação.

A Comunidade Universitária não poderá comemorar a data como gostaria. A Pandemia do Covid 2019 exige isolamento social e a única alternativa será “participar” das comemorações remotamente. Contudo, nos revolta saber que essa alternativa se sustenta na negligência do governo federal com a questão sanitária, particularmente na não priorização da vacinação em massa. Os resultados dessa omissão se expressam em números: 574 mil mortos (dados de agosto, 2021), dos quais 36.849 ocorreram no estado do Paraná.

Apesar de contraditório, vamos comemorar os **50 anos da UEL** com os corações enlutados. Perdemos alunos, colegas de trabalho, familiares, amigos, conhecidos..., pessoas que engrossam a triste estatística da realidade atual brasileira. Somos solidários com as circunstâncias vivenciadas pela comunidade universitária; somos solidários com a tristeza de milhares de famílias brasileiras e estendemos essa solidariedade e indignação ao povo afegão.

O texto escrito pelo professor Edson Fernando Almeida expressa essa indignação:

A pandemia da Covid-19 vem abalando as estruturas humanas neste ponto azul do universo, a terra que habitamos. A cada instante sua presença atualiza a possibilidade do fim dos nossos projetos, o fenecer dos nos amores, o ocaso da nossa presença no mundo. O vírus e suas variantes quebraram em definitivo a patente de uma pretensa ilusão de imortalidade que a vida, sob a proteção das tecnociências, nos trazia. Não há antivirais contra o contra esse ser invisível que abalou a todos nós, terráqueos. E mesmo as vacinas, a fina flor de uma ciência a serviço da vida, não protegem cem por cento nossos corpos.

O luto nos visitou, o medo nos avizinhou, a vida se encurtou para nós. Ficamos como que prisioneiros na nossa própria casa, na nossa própria cidade. Ficamos presos no mundo, não apenas pela impossibilidade de livres descolamentos geográficos, mas mais ainda pela renúncia dos nossos corpos à humana necessidade de beijos e abraços, à nossa responsável necessidade de esconder os lábios e narizes por cujos sentidos, mais do que conhecer o mundo, o cheiramos e degustamos.

Que lições esta 'finitude sem fim' terá trazido à face humana do planeta? Que mudanças trará ao nosso jeito de habitar este planeta? Será mesmo possível voltar ao normal? Que normal? A normalidade de um sistema global consumista que destrói a terra, que violenta sua 'dignidade-sacralidade' vindo nela tão somente uma reserva inesgotável de produtos para satisfazer à falsa promessa de bem-estar contida no consumo ilimitado?

Não será o vírus uma reposta do planeta azul à opressão que lhe foi imposta pelo antropoceno? Um grito do planeta dirigido a uma civilização que o destrói? Que respostas daremos às faces humanas da fome, do negacionismo, do necrofilia de governos como o nosso, expostas pelo vendaval trazido pelo vírus? Mudaremos ou continuaremos os mesmos?

A extinção geológica trazida pelo antropoceno se atualiza também na extinção necrológica operada pelos fundamentalismos políticos e religiosos, destruidores da multiplicidade de formas humanas de se viver neste planeta. Parte dos habitantes do planeta, aprendeu a odiar a diversidade. São homens que não veem dignidade no gênero feminino, são orientações heteronormativas que não veem sacralidade em outras formas de orientação sexual. São homens brancos que impõem suas normatividades sobre os corpos negros. Gritam as mulheres no Afeganistão pelo simples direito de serem mulheres. De frequentarem escolas, de serem dignas pelo simples fato de serem mulheres e não por sua subalternidade ao universo masculino.

Um choro profundo e um grito por libertação vêm de todos os lados do planeta. Da mãe - *Patcha Mama* e dos seus filhos e filhas mais frágeis, como as *mulheres do Afeganistão*. Clamam por mudanças, transformações. Clamam por novas formas de descoberta de unidades nas multiplicidades da vida. (Sobre a pandemia e as mulheres afegãs, Juiz de Fora, 24.08.2021)

Apesar de uma conjuntura tão adversa, *sigamos resistindo!!!*

Essa resistência está expressa nos textos aprovados para essa edição. O primeiro artigo analisa os projetos em disputa nas políticas de saúde e educação, refletindo os impactos destes no desenvolvimento dos Programas de Residência Multiprofissional em Saúde. O objetivo é apresentar as contradições e os desafios para a concretização das Residências enquanto espaço formativo para os assistentes sociais.

O segundo trata de um estudo sobre os fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social no período da Reconceituação no Estado do Pará, tendo como objetivo analisar o processo de reconceituação do referido Estado a partir da visão de docentes que vivenciaram esse importante momento histórico.

A seguir temos o artigo com o título Bioética na formação em Serviço Social e sua aplicabilidade profissional. Sendo o Serviço Social uma profissão permeada por conflitos morais relacionados à Bioética em seu cotidiano, buscou-se verificar a inserção da Bioética em cursos de graduação e pós-graduação em Serviço Social e sua aplicabilidade na prática profissional.

O próximo surge como resultado de uma investigação sistemática que ocorreu entre os anos de 2009 e 2014, sobre os fundamentos teórico-metodológicos, ético-políticos e instrumental operativos do Serviço Social através da perspectiva histórico-crítica consolidada na produção bibliográfica brasileira.

Já o quinto artigo tem como objetivo propor reflexões teóricas acerca das tensões e contradições que atravessam o trabalho dos assistentes sociais no contexto da socioeducação. As reflexões suscitadas no artigo analisam os paradigmas que emanam do caráter sancionatório e punitivo do sistema socioeducativo e permeiam o cotidiano profissional em um tempo presente marcado pela retração dos direitos sociais.

Refletindo sobre questões urbanas presentes no cotidiano o próximo artigo retrata situações atinentes ao trânsito que fazem parte da mobilidade urbana no cotidiano das cidades médias, demonstrando os reflexos dos gastos decorrentes desses acidentes nas despesas da Secretaria da Saúde de Toledo-PR.

O sétimo artigo na mesma perspectiva dos problemas urbanos, aborda a violência por arma de fogo cometida contra crianças e adolescentes na região sul do estado do Espírito Santo, tendo por objetivo desenvolver uma análise crítica e reflexiva respeito das expressões dessa forma de violência.

O tema do próximo artigo tem como objetivo analisar a construção histórica e social da saúde como direito universal e do SUS como política pública estatal, na direção do Projeto da Reforma Sanitária e Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social e seus princípios democráticos, contrários à orientação neoliberal de privatização e focalização, tema desafiador para os dias atuais.

No mesmo tema saúde o artigo nono apresenta o resultado de um estudo sobre o acesso dos usuários ao Transplante de Medula Óssea (TMO) do Complexo Hospital de Clínicas da UFPR, objetivando analisar o impacto desses recursos na permanência dos usuários fora de seu domicílio para a realização do TMO.

Já o próximo artigo examina a formulação da política pública LGBT no Brasil entre os anos presidenciais de Lula e Dilma, refletindo sobre a agenda anti-homofobia na política externa de direitos humanos destes governos, afirmando que estas iniciativas advêm da pressão dos movimentos sociais, mas, também, de um agendamento dos organismos internacionais.

No contexto das expressões da questão urbana no Brasil, a desigualdade, o desemprego e acesso à renda atingem as famílias indígenas que vivem nas cidades, esse tema retrata o artigo Indígenas no espaço urbano e particularidades do Nordeste. Apresenta dados das condições sociais da vida indígena no contexto urbano da região Nordeste, que foram levantados e analisados por um Estatístico do povo Adja (Benin, África) e uma Assistente Social, indígena do povo Pankararu (Brasil, América do Sul).

A “Produção e reprodução no espaço familiar: trabalho a domicílio na produção de calçados - Franca- SP”, é o título do próximo artigo que retrata o lugar de famílias no processo produtivo das fábricas de calçado de Franca e sua contribuição na produção de mercadorias.

O artigo intitulado “Banco Mundial e educação no Brasil: a consolidação da lógica privatista e mercantilizada do ensino superior”, é parte de uma pesquisa sobre a influência do Banco na política educacional brasileira. Analisa os últimos relatórios publicados pelo BM para identificar as diretrizes propostas para a educação nos países da periferia capitalista, em especial o Brasil.

Em “A proteção social para pessoas com deficiência no Distrito Federal: contradições na garantia e efetivação de direitos”, os autores mostram as contradições entre o marco legal existente e a realidade das pessoas com deficiência no Distrito Federal (DF).

E por último essa edição traz uma resenha do livro de Roberto Saviano *Os meninos de Nápoles* é do interesse de todos os que se dedicam aos estudos da juventude, da delinquência juvenil, da criminalidade contemporânea. Saviano é um dos mais renomados jornalistas e escritores da atualidade na Itália. Seus livros e artigos estão intimamente ligados à sua vivência na Itália meridional, e, especialmente, à Nápoles, cidade onde nasceu em 1979, e focalizam a complexidade das questões sociais não só para seu país de origem, como para o mundo contemporâneo.

Equipe Editorial